



Auta de Souza

Intensa vida breve de um ser de luz

Foi curto e de grande provação o tempo em que Auta de Souza esteve encarnada, mas ela o viveu intensamente e deixou um importante legado.

Mesmo diante das adversidades, ergueu a bandeira da fé e inscreveu seu nome no mundo das letras, com seu livro de poesias Horto.

Joaquim Ferreira

Jornalista, voluntário da Seara Bendita na Consulta Espiritual e editor do *Seareiro*.

Provações e sacrifícios marcaram a vida de Auta de Souza, que viveu apenas 24 anos, mas deixou um legado de fé inabalável, uma obra de referência na poesia com prefácio de Olavo Bilac e uma biografia contundente escrita por Luís da Câmara Cascudo. Como Espírito, é autora de uma coleção grandiosa de textos psicografados por Chico Xavier e incluídos na primeira edição de *Parnaso de Além-Túmulo*.

Nascida em Macaíba, no Rio Grande do Norte, em 12 de setembro de 1876, Auta de Souza ficou órfã de mãe aos três anos e de pai aos quatro, vítimas de tuberculose, e aos dez ainda assistiu à morte trágica de um irmão em acidente com lampião de querosene.

Com a morte dos pais, Eloi Castriciano de Souza e Henriqueta Rodrigues de Souza, a menina Auta e quatro irmãos também pequenos foram levados para Recife, em Pernambuco, e criados pela avó materna Silvina Maria da Conceição de Paula Rodrigues. Mesmo analfabeta, a avó se preocupava com a educação da família e matriculou Auta no Colégio São Vicente de Paulo, dirigido por religiosas francesas.

Nessa escola, recebeu refinada educação e teve contato com a literatura, música, desenho e estudou idiomas, vindo a dominar o francês, o que lhe permitiu ler no original Alphonse de Lamartine, François-René de Chateaubriand, Victor Hugo e François Fénelon.

Desde muito cedo, nutria um profundo sentimento de compaixão pelos humildes e se comovia com a miséria. Com apenas sete anos já sabia ler e escrever e distraía crianças carentes, mulheres humildes e velhos escravos lendo para eles *História do Imperador Carlos Magno*, obra do gosto popular da época, que também era seu primeiro contato com a literatura.

Soneto nas memórias de Chico

O médico e escritor Elias Barbosa – analista do estilo de cada poeta na nona edição de *Parnaso de Além-Túmulo*, de 1972 –, quando escreveu *No Mundo de Chico Xavier* questionou o médium se ele recordava, de modo particular, de algum texto recebido dos Espíritos que tenha ficado inesquecível em sua memória; e Chico respondeu:

“Sim, recordo-me de um soneto intitulado “N. Sra. da Amargura”... Eu estava em oração, certa noite, quando se aproximou de mim o espírito de uma jovem, irradiando intensa luz. Pediu papel e lápis e escreveu o soneto a que me referi. Chorou tanto ao escrevê-lo que eu também comecei a chorar de emoção, sem saber, naquele momento, se meus olhos eram os dela ou se os olhos dela eram os meus. Mais tarde, soube, por nosso caro Emmanuel, que se tratava de Auta de Souza, a admirável poetisa do Rio Grande do Norte.”

Aos 14 anos, já era reconhecida pela capacidade de recitar versos, período em que também se tornou estudiosa do Evangelho e manifestou sua fé inabalável nos ensinamentos de Jesus. Com essa idade, no ano de 1890, seu frágil corpo sentiu os primeiros sintomas da tuberculose, doença que a levaria ao desencarne em 7 de fevereiro de 1901, com apenas 24 anos de idade. Seus talentos afloravam ao mesmo tempo que progredia sua doença.

Sua religiosidade era imensa, mas separava sua fé das coisas do mundo. Era alegre, expansiva, de grande sociabilidade e nunca abandonou os sonhos de toda menina de seu tempo. Desejava ser feliz, encontrar o amor e constituir família. Enamorou-se de João Leopoldo da Silva Loureiro, um jovem promotor público também de Macaíba, para onde retornara depois de constatada sua doença, por ser uma região de clima melhor que Recife. Por insistência da família, em face do progresso de sua doença, renunciou ao namoro de pouco mais de um ano, o que foi para ela motivo de grande dor e tristeza. Mais tarde, o ex-namorado viria a falecer de tuberculose.

Começou a escrever em Macaíba quando tinha 16 anos e aos 17 publicou suas primeiras poesias em jornais e revistas da cidade. Desde então ampliou sua produção e passou a publicar em outras cidades e estados, em periódicos de Natal, Recife e Rio de Janeiro. Em *A Tribuna*, de Natal, seus versos dividiam espaço com vários escritores famosos do Nordeste. Entre 1899 e 1900, assinou seus poemas com os pseudônimos de Ida Salúcio e Hilário das Neves, prática comum à época.

Sua produção literária era intensa. Os dramas que viveu – a orfandade ainda criança, o desencarne trágico do irmão, a doença que a acometeu, a frustração no amor – e sua forte religiosidade formaram a base de uma obra poética singular. *Horto*, seu único livro, publicado pela primeira vez em 20 de

junho de 1900, traduz a dor que a acompanhou em sua curta existência e ao mesmo tempo exalta sua fé cristã.

A aceitação de sua obra foi imediata e *Horto* saiu do prelo com prefácio de Olavo Bilac, o “Príncipe dos Poetas Brasileiros”, maior representante do Parnasianismo, movimento estético contrário ao Romantismo que privilegiava a objetividade e o rigor formal, com a consequente valorização da métrica e da rima.

“Horto” é também o título da poesia que abre o livro, um compêndio de 114 poemas, que se encerra com “Fio Partido”, uma premonição de que em breve deixaria o corpo físico. O lirismo que emprega ao tratar de tema tão áspero como a morte que a acompanhou desde muito cedo, como na poesia “Página Triste”, inspirou Luís da Câmara Cascudo a conferir-lhe o título de “Maior Poetisa Mística do Brasil”. O grande escritor potiguar, um dos maiores folcloristas brasileiros com 150 livros publicados, é autor da biografia *Vida Breve de Auta de Souza*.

Cerca de três décadas depois de retornar à pátria espiritual manifestou-se por intermédio do *médium* Chico Xavier ao lhe transmitir a poesia “N. Sra. da Amargura”. Outros intercâmbios aconteceram e a primeira edição da obra *Parnaso de Além-Túmulo*, publicada em 1932, traz 89 poesias e 27 trovas de Auta de Souza. Trova é um poema de quatro versos, nos quais cada um deles tem sete sílabas em uma única estrofe, possuindo sentido completo.

Em 1936, a Academia Norte-Riograndense de Letras dedicou-lhe a poltrona XX, como reconhecimento de sua obra.

REFERÊNCIAS

- ARTIGO. **Discussão**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Auta_de_Souza>. Acesso em: 24 jul 2023.
- BIOGRAFIAS. **Revista Semanal de Divulgação Espírita**. Disponível em: <<http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/biografias/autadesouza.html>>. Acesso em: 24 jul 2023.
- GABILAN, Francisco Aranda. **Auta de Souza**. Disponível em: <<https://espírito.org.br/artigos/auta-de-souza/>>. Acesso em: 24 jul 2023.

Arte como influência de fé

O despertar da religiosidade de Auta de Souza pode ter tido várias influências, como o colégio religioso e seu primeiro contato com a literatura, quando conheceu *História do Imperador Carlos Magno*, obra que lia para distrair pessoas carentes. Carlos I, o Grande, foi um importante conquistador medieval da Dinastia Carolíngia defensor dos dogmas católicos que foi coroado Imperador do Sacro Império Romano Germânico, no ano 800, pelo Papa Leão III.

Isso se deu após Carlos Magno tornar-se Rei dos Francos (768 a 814) e dos Lombardos (a partir de 774), passo que a Igreja entendeu como fundamental para unir a Europa dividida após a queda do Império Romano do Ocidente em meados do século 5. Os diversos reinos competiam entre si pela conquista e expansão de seus territórios, mas muitos deles já tinham em comum o Cristianismo. Com o apoio da Igreja, o imperador usou a religião Católica para pacificar o continente.

Além de colaborar com a disseminação do Cristianismo, Carlos Magno promoveu as letras e as artes e valorizou o ensino. As escolas passaram a funcionar nas cortes, mosteiros e bispados com a adoção das disciplinas gramática, retórica e dialética, aritmética, geometria, astronomia e música. Esse período de florescimento das artes e da cultura ficou conhecido como Renascimento Carolíngio.

Entre os autores brasileiros lidos por Auta e que certamente influenciaram sua formação estilística destacam-se Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias, Luiz Murat, Castro Alves, Junqueira Freire e os potiguares Lourival Açucena, Areias Bajão e Segundo Wanderley.